

Um estado de graça: a condição da atenção em Simone Weil

A state of grace: the condition of attention in Simone Weil

Bárbara Romeika Rodrigues Marques*

Resumo

Com a filosofia de Simone Weil, este artigo propõe discutir a perspectiva filosófica da atenção. Para tal, argumenta que a condição da atenção demanda e sustenta um estado de graça que, ao dispor à consciência o sentimento de participação na beleza da natureza, vincula ser e mundo. Debate, a partir da perspectiva weiliana, um princípio intermediador entre a contemplação das formas da natureza, a afeição ao sagrado e o engajamento com a alteridade como condição da atenção. Busca-se inferir que a familiarização da consciência às instâncias fundamentais do ser é capaz de fazer frente aos sequestros atencionais do presente e recuperar um estado de graça suficiente a desembrutecer a vida. O objetivo está em tecer a crítica ao mundo moderno a partir da afirmação de uma atenção que, diferente das técnicas de focalização instrumentalizadas, demanda a confiança na experiência capaz de vincular o sentir, o pensar e o agir na defesa ético-política do amor ao mundo.

Palavras-chave: Simone Weil. Atenção. Graça.

Abstract

With the philosophy of Simone Weil, this article proposes to discuss the philosophical perspective of attention. To this end, she argues that the condition of attention demands and sustains a state of grace that, by making available to consciousness the feeling of participating in the beauty of nature, links being and world. It discusses, from the Weilian perspective, an intermediary principle between the contemplation of the forms of nature, the affection for the sacred and the engagement with otherness as a condition of attention. It seeks to infer that the familiarization of consciousness with the fundamental instances of the being is capable of facing the attentional kidnappings of the present and recovering a state of grace sufficient to unburden life. The objective is to weave a critique of the modern world from the affirmation of an attention that, unlike instrumentalized focusing techniques, demands confidence in the experience capable of linking feeling, thinking and acting in the ethical-political defense of love for the world.

Keywords: Simone Weil. Attention. Grace.

Artigo submetido em 27 de agosto de 2023 e aprovado em 10 de junho de 2024.

* Doutora em Educação pela UFJF. Mestra e Graduada em Filosofia pela UFRN. Professora do Cefet/RJ campus Valença. País de origem: Brasil. E-mail: barbara.marques@cefet-rj.br.

Introdução

A filosofia de Simone Weil (Paris, 3 de fevereiro de 1909 – Ashford, 24 de agosto de 1943) representa o investimento radical no cuidado, atenção e amor ao mundo humano. Sob a forma de uma dupla aposta – uma, na crítica ao presente; outra, no compromisso com a ação propositiva –, seu projeto é um chamamento ético-político que, ao mesmo tempo, convida à crença no elo entre o pensar e o fazer diante do sem-sentido do mundo. Da disposição de seus escritos, buscamos discutir a condição da atenção como princípio intermediador entre a familiaridade com o sagrado e o engajamento com o sentimento da alteridade. Afinal, às exigências extremadas da focalização, do gerenciamento e domínio do controle dos corpos no mundo moderno, é preciso perguntar por concepções que reafirmem a pluralidade da palavra e da ação como contraponto aos discursos e práticas produtivistas e instrumentalizadas.

1 Atenção: um estado de graça

Em Simone Weil, o conceito de atenção deriva de uma composição impressa no desejo por coadunar filosofia e vida, portanto, o estado atencional diz do investimento com o sagrado e da busca de ideias e ações na relação com a alteridade. A fortaleza do espírito é a meditação racional, trama entre inteligência e intuição capaz de nutrir o desejo autêntico de progresso espiritual, na afirmação da atenção que se entrecruza por gestos de esforço, regra, rito, tal qual se dá na temporalidade da prece, na entrega aos estudos, na composição dos padrões simbólicos, por exemplo, da Matemática ou da Física.

Nessa perspectiva, o esforço por alcançar a verdade demanda a condução da atenção. Mas, vale notar: força não é o mesmo que presunção da força; esforço não garante o êxito da plena expressão; o principal das faculdades mentais não se efetiva na execução técnica da focalização; o foco mental, no âmbito de uma execução quantitativa, não garante a qualidade da atenção. O critério de abertura ao estado atencional pede compromisso e autocontrole, mas não aflição e tormento. É possível à consciência estar atenta e descontraída ao mesmo tempo; é possível que a atenção se diga a partir de familiaridade, disciplina e entusiasmo.

No sentido weiliano, a atenção se constitui de uma especial vigilância à

graça que emana da natureza, envolta na espera e na confiança no sagrado e, também, da tríade confiar-amar-contemplar como caminho para o alcance espiritual de conexão e amor ao mundo. Por sua vez, a condição de amar é intermediada, em especial, por uma vinculação atencional com a justiça, o bem e o belo, no entre-lugar de uma contradição amparada pela passividade do esperar e a altivez do desejar. Mas, para efetivamente desejar e esperar, é preciso a alçada consciente da beleza ordenadora e divina da natureza, isto é, não qualquer vontade que porventura leve ao desejo, não a dominação quantitativa e estritamente simbólica do universo. Como no seguinte trecho:

É por não conter nenhum fim que a beleza constitui a única finalidade aqui embaixo. [...] Uma coisa bela não contém nenhum bem, senão ela mesma, em sua totalidade, tal qual ela nos aparece. Vamos até ela sem saber o que perguntar. Ela nos oferece sua própria existência. Não desejamos outra coisa, possuímos isso e, no entanto, continuamos desejando. Ignoramos completamente o que seja. Gostaríamos de ver o que está por trás da beleza, mas ela é apenas a superfície. Ela é como um espelho que reflete nosso próprio desejo pelo bem. Ela é uma esfinge, um enigma, um mistério dolorosamente irritante (Weil, 2019, p. 127-8).

Assim, o envolvimento espiritual com o belo, na percepção da ordem da natureza, torna possível a conexão enraizadora entre ser e mundo. É importante ressaltar que este *pano* só pode ser tramado com a medida *tecelã* da atenção. A beleza não possui uma linguagem, mas toca, afeta, invoca. Na expressão de Clarice Lispector (1998, p. 36): “toda uma vida de atenção [...] reunia-se agora em mim e batia como um sino mudo cujas vibrações eu não precisava ouvir, eu as reconhecia. Como se pela primeira vez enfim eu estivesse ao nível da Natureza”. E, com Simone Weil: “[a beleza] não fala, não diz nada, mas é dotada de voz para chamar. Chama e mostra a justiça e a verdade que não tem voz” (Weil, 2016b, p. 95-97).

Por esta perspectiva, a potencial conexão com o mundo advinda da relação com as categorias do belo, demanda o *tecido* característico de uma atenção. A beleza é algo em que podemos prestar atenção, é aquilo que pode ser contemplado, tal qual uma obra de arte para a qual podemos olhar durante horas. A beleza seduz a carne para obter a permissão de chegar até a alma (Weil, 2020). Assim, se é capaz de alcançar instâncias singulares, ela também demanda o cuidado de um estado íntimo de participação e envolvimento. Fruto da relação

entre a percepção do belo e a disponibilidade ao sentimento que legitima tal percepção, a tensão que impulsiona o ser à experiência com a graça demanda um cuidado que cada singularidade irá desenvolver a partir de um domínio único, intransferível, resultante da fusão entre o que se espera e o que se vislumbra – do alcance e participação no sentimento do belo. Este enredo tem como fio o amor ao mundo.

Vale destacar que a beleza não é uma categoria estanque. Para chegar a ser beleza, requer uma combinação de abertura à atenção, o trato com o ponto adequado de uma espera ativa, um desejo suficientemente capaz de nutrir o caminho mesmo desse encontro. Demanda o comum e o espiritual, chama pela máxima entrega de cada singularidade no trato da própria entrada singular no mundo. Na expressão de Guimarães Rosa: “assim, noutra repingo: arejei que toda criatura merecia tarefa de viver por causa de uma grande beleza no mundo, à repentina” (Rosa, 2001, p. 488).

Se, como nota Weil, “todo ser humano está enraizado aqui embaixo por uma certa poesia terrestre, reflexo de luz celeste” (Weil, 2019, p. 141), a atividade criadora da beleza pode dar a estabilizar, conectar, e se fazer chamado ao todo da vida. Por isso, cumpre considerar a disposição anímica da mente, a relação de um estado atencional que prepara o acesso a tal atividade da criação. Um preparo que não garante, mas abre, sintoniza, integra e promove. É com a via aberta pela sintonia com as coisas belas do mundo que uma pessoa pode escapar da mesmidade automatizada das tarefas – do olhar condicionado que promove o esquecimento do ser. Acolher o brilho das formas é o contrário de banalizar a vida, pois, assumir da natureza e da arte o alcance maior da experiência com a graça é também um modo de aprimorar a relação do ser no tempo.

A inteligência, revestida com a proeminência das estruturas, padrões e modelos, se expande com a compreensão da necessidade. De igual modo, a abertura ao sentimento do belo expede um convite capaz de instigar e amplificar a capacidade de pensar e sentir. Vigilante ao esplendor das formas, o ser se reafirma ser; na percepção do excelso da natureza, a vida se faz amplitude, contrário ao castigo da mediocridade. Como nota Weil: “quantas vezes a claridade das estrelas, o rumor das ondas do mar, o silêncio do momento que antecede o

alvorecer, em vão solicita a atenção dos homens? Não prestar atenção à beleza do mundo é talvez crime de ingratidão tão grande que merece o castigo da desgraça” (Weil, 1991b, p. 106).

Mas o investimento com a beleza do mundo também tem suas contradições: aquilo que pode ser legitimado como belo escancara a imponência das formas conquanto se dê a partir da justa percepção. Essa percepção, tomada de tensionamento, dá a suspender e dá a assentar: de um lado, a temporalidade pausada dos utilitarismos usuais; de outro, a concordância ativa e afirmativa da beleza que compõe as formas da natureza. Assim, a beleza demanda uma tensão entre abertura, consentimento e validação.

Para que uma variável possa ser tomada com o construto aproximativo da beleza, é indispensável uma *linha* que conecte a consciência a um valor suficientemente capaz de legitimá-la como tal. Para tensionar esta *linha* de modo satisfatório, a inteligência demanda conexão e familiaridade com as formas. Então, de que modo iniciar a justa frequência deste tensionamento? Com a espera que é uma fé, e com a crença na dinâmica mesma da presença. E, como nota Débora Mariz: “o conceito de atenção, ater-se ao momento presente, é central no pensamento weiliano, pois permite ao homem entrar em contato com a realidade, excluindo de seu pensamento expectativas futuras e preocupações pretéritas” (Mariz, 2020, p. 77).

Essa forma de convidar à presença será suficiente apenas à singularidade munida do princípio condizente com a entrada na contradição. O tônus desta entrada se dá entre o desejar e o esperar. Por sua vez, o desejo suficientemente capaz de sustentar a espera demanda um princípio de aproximação e também de manutenção da beleza, na beleza. Este princípio é intermediado pela atenção.

Em Weil, a atenção é uma forma aguda de conexão: os sentidos repousam familiarizados, os canais estão entregues e continuamente se lançam, a mente deseja e espera, o espírito se reveste de brio. “Na atenção temos uma consciência luminosa” (Weil, 1991a, p. 83). E, como ressalta Ecléa Bosi (2003), é o estado contrário da certeza, continuamente renunciando à posse do resultado. A plenitude atencional não busca encerrar-se no monopólio dos pressupostos, mas

se afeiçoa e se habitua à exuberância das formas inacabadas. Assim, o gesto fundamental da atenção é uma combinação entre aspectos inteligíveis e sensíveis – a inteligência mais se revigora na misteriosa verdade da beleza, em proveito não do domínio proprietário da compreensão, mas do regozijo fecundo e vivaz da verdade e do bem.

O ser participa das formas, mas seu gesto de captura não pode querer resvalar no estrito de habilidades e competências, sob pena de desvirtuar o sentido comum a quem se esforça por compactuar e participar, não por dominar e acumular¹. “Tudo o que provém do amor puro é iluminado pelo brilho da beleza”, afirma Weil (2016b, p. 96) e, em outra ocasião (Weil, 1991b, p. 120): “na beleza do mundo a necessidade mais elementar se converte em objeto de amor. Nada é mais belo que a gravidade das dobras fugitivas das ondulações do mar ou as curvas quase eternas das montanhas”. A familiaridade com a contradição circunscrita na natureza é o gesto constitutivo da conexão com uma temporalidade estendida, amplificada pela demora e comum ao experimentar, capaz de sintonizar amorosamente ser e mundo. Se justiça, verdade e beleza são irmãs e aliadas, o espírito de justiça e de verdade não é nada mais do que algum tipo de atenção, que é amor puro (Weil, 1991b). O desejo de participação nas manifestações do belo pode legar a forma humana de enraizamento e pertencimento ao mundo e, como nota a autora: “o amor pela ordem do mundo, pela beleza do mundo é, assim, o complemento do amor ao próximo” (Weil, 2019, p. 120).

O amor é um consentimento cuja face voltada para as pessoas se converte em caridade ao próximo, e cuja face voltada para a matéria é amor pela ordem do mundo ou, o que é a mesma coisa, o amor pela beleza do mundo (Weil, 2019). Imbuído desse amor, a inteligência estará suficientemente resguardada para perceber o imediato contrário, para resistir aos elementos que possam vir a turvar a beleza ordenadora do mundo. Como sublinha Weil, “quando a inteligência,

¹ Guimarães Rosa expressa a graça desta *participação* como com o esforço de apreciação da natureza em suas *belezas sem dono*, a tomar o seguinte trecho de *Grande Sertão: Veredas*: “O cio da tigre preta na Serra do Tatú – já ouviu o senhor gargaragem de onça? A garôa rebrilhante da dos-Confins, madrugada quando o céu embranquece – neblim que chamam de xererém. Quem me ensinou a apreciar essas *belezas sem dono* foi Diadorim[...] A da Raizama, onde até os pássaros calculam o giro da lua – se diz – e cangussú mostra pisa em volta. Quando o senhor sonhar, sonhe com aquilo. Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a ciganhinha, roxa, e a nhiica e a escova, amarelinhas” (Rosa, 2001, p. 42, grifo nosso).

depois de fazer silêncio para deixar o amor invadir toda a alma, volta a se exercer, ela sente que contém mais luz do que antes, mais aptidão para compreender os objetos, as verdades que lhe são próprias” (Weil, 2016a, p. 38).

O amor pela beleza do mundo atrai o amor por todas as coisas realmente preciosas que a má fortuna pode destruir. Aquele que foi mais longe, que chegou à beleza do mundo em si, traz um amor muito maior do que antes (Weil, 2019). Uma vez conhecendo a harmonia das formas, deterá os meios para evitar imperfeições e renegar desacordos. Dessa forma, a quem for dada a fortuna desse amor, da conexão com este afeto maior, terá vias para estranhar incoerências e atalhar as dissonâncias. Os olhos acostumados ao lume da graça tendem a rechaçar o extremo do horror. A barbárie dos tempos se apresentará em desconformidade, e, em desarmonia, a violência banalizada ou a injustiça contra os menos favorecidos. A quem se familiariza com a atenção capaz de participar do amor ao mundo, sem nexos, serão todas as formas de apequenar a vida.

A beleza fomenta, eleva, fortalece a inteligência, mas não se encerra sob forma de imposição, pois, “toda obrigação que não a própria atenção imposta à inteligência no exercício de sua função sufoca a alma. Só a atenção é voluntária. Também só ela é questão de obrigação” (Weil, 2019, p. 141). Olhar com atenção o mundo se afirma na responsabilidade da vigília, enquanto modo ativo de aguçar os sentidos, de estar em abertura sem estacionar sob a forma ineficaz da pressão. A inteligência não pode ser invadida pela beleza, mas pode ser tocada e transformada por um estado de entrega assimilada à face alta da atenção. Com a devida atenção, a beleza ordenadora do mundo é um resguardo para a alma. Sem a atenção adequada, que beleza, qual mundo?

Simone Weil buscou apreender da ideia de atenção um gesto de consciência suficientemente elevado para ser familiaridade, recepção e possibilidade de conexão entre ser e mundo. Trata-se de uma condição humana estabilizada no que tem de mais e de menos: de mais perto da perfeição divina; de mais longe da pretensão desta mesma elevação, dado a compreensão da humildade como mediadora. Um estado atencional deste tipo requer a captura de sutilezas equalizadoras do desejo por um *mais*, para sublevar o pensamento, um *quê* do estado atencional para transcender. E, ao mesmo tempo, o querer de uma

medida que seja simultaneamente presença e imanência, suficiente para sustentar o singular de cada busca² – medida dada por um estado anímico que afirma a temporalidade de conexão e não de apropriação, a razão que quer o enlace e não a posse. A mente compõe, na justa frequência atencional, a amplificação da relação com o mundo. Equalizando a devida atenção, uma pessoa pode resgatar a beleza do universo, a graça e a dignidade da existência, no *ethos* de amor e paz.

É neste sentido que, com Weil, é possível reafirmar a condição da atenção como elo entre ser e mundo. A vontade de compor, amplificar e sustentar o legado humano estará alicerçada por um apuro ontológico do olhar – um olhar que é uma resposta política de engajamento na pluralidade, um olhar dado no enlace ético com as formas da vida, um olhar que assume o especial da atenção. Esse olhar o mundo, na perspectiva weiliana, quer dizer resguardar e ativar o estado anímico da atenção.

Desejar, esperar, recuar, confiar, amar. Envolver o *eu* de um cuidado suficiente para ser força e autonomia e, também, estender o *eu* para que não se limite ao gozo de demandas exclusivamente egocentradas. A possibilidade de um ego que se expanda ao outro, a fortuna de ser sustentáculo de um amor puro, suficiente para partir de si ao encontro do mundo, preparado e fortalecido para não se deixar seduzir nem pelas exigências cegas da coletividade, nem pelas requisições de desejos de satisfação egoístas e restritivas. Tal qual a estratégia de fertilizar o solo para possibilitar um florescimento adequado, é também capturar um grau característico de animosidade que se dê à recepção da forma adequada do estado atencional. Nas palavras da autora:

Liberamos energia de nós mesmos. Mas ela volta a se apegar constantemente. Como liberar toda energia? Temos que desejar que isso se produza dentro de nós. Realmente desejar. Simplesmente desejar que isso aconteça – não tentar realizar nada. Em um trabalho como esse, tudo que chamo de ‘eu’ deve ser passivo. A única coisa exigida de mim é atenção – essa atenção tão plena que faz o ‘eu’

² A regência de uma forma de atenção solta, experimental e autônoma – desgarrada da vontade de dominar percepções e se apropriar de fatos, ou de *copiar* objetos à inteligência – é bem expressa por Clarice Lispector no livro *A descoberta do mundo*: “Perdoando Deus eu ia andando pela Avenida Copacabana e olhava distraída edifícios, nesga de mar, pessoas, sem pensar em nada. Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma atenção sem esforço, estava sendo uma coisa muito rara: livre. Via tudo, e à toa. Pouco a pouco é que fui percebendo que estava percebendo as coisas. Minha liberdade então se intensificou um pouco mais, sem deixar de ser liberdade. Não era *tour de propriétaire*, nada daquilo era meu, nem eu queria. Mas parece-me que me sentia satisfeita com o que via” (Lispector, 1999, p. 76).

desaparecer. [...] Se não desviarmos, se não a recusarmos, uma inspiração divina vai infalivelmente se operar (Weil, 2020, p. 153).

Desprovido da soma deste olhar, o mundo humano declina. Portanto, afirmar um estado especial de atenção, por esta perspectiva, é tocar o sentido fundamental da pluralidade humana. O desprendimento e a libertação das fantasias do ego e o redirecionamento do olhar à natureza, à reapropriação simbólica do mundo e à dignidade humana é um modo de resistir, com o direcionamento de outros gestos e estados atencionais, à tendência individualizante e egocêntrica circunscrita na contemporaneidade. É tal a ascese ética e moral a que Weil se refere quando aponta para o valor do desejo de verdade, o puro afã de concatenação do ser com o bem: a condição que lhe dá guarida é o encontro com o outro e não estritamente com o *self* originário. Dessa busca por suplantar o eu – demasiadamente egocentrado – surge o gesto de aproximação e exercício da sensibilidade, intuição e inteligência no encontro com a poesia e a beleza da natureza. Ele se configura no despir-se de condicionamentos, retirar camadas que turvam a percepção, potencializar ângulos, e, principalmente, em esperar e confiar. Como em Heráclito: “se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso” (Fragmento 18. *In*: Heráclito, 1991, p. 63).

A elevação da alma – intermediada pela *descrição*, apagamento do eu, única via da salvação – é obra da graça e não da vontade³. “Somente a operação sobrenatural da graça faz uma alma atravessar sua própria destruição até o local em que se colhe esta espécie exclusiva de atenção que permite ter em conta a verdade e o infortúnio” (Weil, 2016b, p. 94). Assim, o estado de liberdade atencional a que o sujeito busca para recriar suas relações simbólicas e se conectar amorosamente com o mundo não pode ser exercício instrumentalizado, tampouco um direcionamento tensionado ou forçado, mas, antes, um preparo e uma espera. Afinal, “essa atenção é intensa, pura, sem motivo, gratuita, generosa. Essa atenção é amor” (Weil, 2016b, p. 94).

³ Como afirma Gustave Thibon: “A vontade só é boa para as tarefas servis: ela assegura o exercício correto das virtudes naturais, que são pré-requisitos para o trabalho da graça. Mas o germe divino vem de outro lugar[...] Simone Weil atribui, nesse domínio, muito mais importância à atenção do que à vontade. [...] pela força do apagamento e do amor, deve-se atingir esse estado de docilidade perfeita para a graça, de onde o bem emana espontaneamente” (Weil, 2020, 25).

Um grau de cultivo de uma atenção absolutamente pura, disciplinada e livre, em que, sendo possível destituir as fantasias do ego – e sua atinente inclinação expansionista – a inteligência é liberada para se revestir do estado de graça que é consentimento e externalização. E, cumpre reafirmar: “externalização” como abertura de amor ao mundo, trégua na centralidade das demandas subjetivistas e individualizadas, um respiro fora dos contornos egóicos. Ou, tomando uma vez mais um enredo literário, na seguinte expressão atribuída por Clarice Lispector a uma de suas personagens: “preciso ficar isenta de mim para ver” (Lispector, 1998, p. 17).

A exposição às etapas concatenadas entre desejar verdadeiramente *algo*, atentar à natureza e fundamento da vontade, em si, e o cuidado ao quê esse *algo* se direciona, fortalece a conexão entre o compreender e o sentir, ressoando gradativamente tanto no aspecto ontológico quanto no ético-político. Essa experiência é impressa inicialmente pela disciplina da consciência, e torna-se um caminho espiritual e uma ascese moral. Se, para Weil, “a atenção é a forma mais rara de generosidade” (Weil, 1979, p. 43), é premente incluir a relação e o cultivo da atenção como amor à condição humana – condição esta que há de legar a clareza do olhar, a agudeza do pensar e do sentir, a compaixão pelo próximo, o pertencimento e a responsabilização pelo mundo humano. E, para tanto, o amor.

O ser se fortalece no amor, e a graça de amar fortalece o ser. O amor frutifica uma atenção disponível e entregue ao bem, e o desejo do bem fortalece a atenção necessária à graça de amar. O desejo autêntico de bem se dá em abertura, atenção e cuidado. O puro desejo é uma graça. Em todo caso, o *método* a que Weil alude para iniciar esta intercessão retroalimentada de atenções não é uma fórmula replicável, posto não ser possível, como que acionando uma alavanca, iniciar uma relação circunscrita linearmente, interpondo forma e resultado. A graça não se deixa aparelhar, amar não diz de expedientes e esquemas. Assim, em Weil, a forma é uma aposta, o processo é uma espera, o rumo é uma disciplina.

O gesto de amor que amplifica o olhar, e é também amplificado por ele, alastra a capacidade da inteligência à percepção do outro, em especial, o olhar capaz de examinar e enfrentar o desamparo e a desgraça a que homens e mulheres estão submetidos, de considerar a história sob o viés dos vencidos. Esta atenção

generosa toma forma de uma presença que, para Weil, cumpre indispensável o ato de desejar e pousar o olhar – “um olhar que é, antes de tudo, um olhar atento, no qual a alma se esvazia de todo conteúdo próprio para receber em si o ser que ela observa tal qual ele é, em toda sua verdade” (Weil, 2019, p. 80). Portanto, um gesto de olhar que busque descortinar discursos meritocráticos ou balizadores cristalizados no poder dominante, para sustentar e reaver o mundo humano.

2 A condição da atenção: entre desejar, esperar, confiar

Com o tom dado pela filosofia de Simone Weil, a atenção representa o esforço de cada pessoa em reservar e organizar animosidades, de tal modo que a condição da graça seja uma confiança. E, para que cada pessoa consiga acessar as possibilidades de passagem a níveis de atenção cada vez mais elevados elementos como solidão, o silêncio, a espera e a perseverança são fundamentais. “Recuar diante do objeto que perseguimos. Só é eficaz o que é indireto. Não podemos fazer nada se não tivermos, antes de tudo, recuado” (Weil, 2020, p. 152). Ao mesmo tempo, cumpre que a pessoa esteja aquecida, para que a desorientação não a force a se afogar no coletivo (Weil, 2016b). A condição do engajamento com a graça de existir é uma espera, e não um pedido; é uma atenção disciplinada e não uma disciplina atarefada. Isto é, para a chegada genuína da graça, o estado atencional enraizado ao mundo; e para a graça de compor o mundo humano, o devido estado atencional.

O estado de atenção orienta e estará orientado em direção à graça; e o desejo por alcançar a graça pedirá a recorrência de uma espera e de uma esperança. A forma ativa da espera tem por fio um desejo sem objeto demarcado, isto é, uma vontade de conexão dada além do direcionamento exclusivo da objetividade. Isso não quer dizer que, para esta perspectiva, a atenção terá a marca da resignação e da passividade, mas, que o sustentáculo organizador do estado atencional tem na suspensão do pensamento a via de sua liberdade e amplificação. Portanto, estar atento é esperar, mas não estar inerte; é desejar expandir além da intenção circunscrita objetivamente. Eis o mecanismo da atenção: a consciência que se entrega, sem se deixar instrumentalizar, e deseja a verdade sem objeto específico, e sem tentar adivinhar-lhe de antemão o conteúdo que se recebe a luz (Weil, 2016b). Se realmente houver desejo, se o objeto do

desejo for realmente a luz, o desejo da luz produzirá a luz. “Há realmente desejo quando há esforço de atenção. Mesmo que os esforços de atenção permaneçam estéreis em aparência durante anos, um dia uma luz exatamente proporcional a esses esforços inundará a alma” (Weil, 2019, p. 73).

A confiança de Simone Weil na capacidade iluminadora do esforço e na intensidade transformadora do desejo não elimina o problema da proveniência do estado capaz de sustentá-los. É possível argumentar que, para cada querer do esforço, é preciso uma fonte prévia, um início; e, para cada desejo bem orquestrado com um ethos de amor e paz, é necessário um dínamo iniciador de igual medida. Se na perspectiva weiliana o esforço é tomado como sustentáculo, da mesma via podem advir outras questões, como as seguintes: de onde tirar, como iniciar o desejo de esforço? Como, num estágio zero de desejo, partirá o desejo +1, e daí sucessivamente, até que tenhamos partido de nenhuma observância de um querer para o querer intenso e divinal a que remete?

Neste ponto, cabe ressaltar o modo como a atenção, dentro do projeto filosófico weiliano, tem o revestimento ontológico, ético, político. Aprimorar o estado atencional é cuidar da natureza do desejo, dos rumos tomados por atos e palavras, evocar a confiança no olhar amplificado, isto é, da singular atitude do olhar que garante um começar de dentro, para então ser capaz de refinar o acesso à exterioridade. Se, como afirma a autora (Weil, 2020, p. 152), “a atenção extrema é o que constitui a faculdade criadora no homem”, também se pode admitir o quanto é difícil atingir verdadeiramente a atenção (Weil, 2016b), posto da vinculação da atenção ao desejo – não à vontade, mas ao desejo. Ou, mais exatamente, ao consentimento (Weil, 2020). Por isso, concerne ao espírito ativo a constante dedicação e responsabilização pelo mundo humano – com o esforço de mudança no regime atencional e na sustentação de uma fé consentida, com a consonância entre verdade, amor e compaixão (Weil, 1979).

Atingir o devido estado atencional requer, a um só tempo, a viva crença no alcance da graça, a entrega ao projeto de graduação dos esforços, disciplina, consentimento e desejo. A condição de *ser se diz*, também, em confiança e espera. Considerar que as certezas são experimentais e estritamente dependentes da crença e, assim, compreender que a experiência que dá acesso a tais certezas

retroalimenta a própria disposição do espírito de encontrá-las. A fé é uma condição indispensável, pois é a partir do suporte elementar, circunscrito por uma confiança estabilizadora, que a exposição à constância mesma dos afetos faz surgir, como num rompante, o fruto desta manifestação de contemplação e espera. Este fruto é entreposto pela gradação anímica que tanto demanda quanto estabelece um estado catalisador de atenções que, embora possa prescindir do conteúdo da religião, tem o suporte de sua forma.

Conforme a perspectiva weiliana, do sagrado nos rituais atencionais advém a aproximação com a forma da verdade e do bem. Se uma ideia perfeita é concebível, é porque principia uma possibilidade. Mas, enquanto perfeita, não deixa margem para a realização plena, afinal, a condição humana diz da concomitância entre aproximação e distanciamento da ideia de perfeição. Tomando o bem como ideia pura, o desejo de bem é a forma humana máxima de aproximação à ideia perfeita de pureza. Trata-se de uma familiarização com o valor supremo do sagrado, mas, ainda assim, o desejo é fator condicionante, e o esforço por capturá-lo apenas *gravita* e pode legar uma expressão imperativa de espera. Como afirma Weil:

Por grande que seja nossa força de vontade não podemos procurar o bem que não possuíamos em nós. Só podemos recebê-lo. E o recebemos infalivelmente com uma só condição. Esta condição é o desejo. Porém não o desejo de um bem parcial. Só o desejo diretamente dirigido para o bem puro, perfeito, absoluto e total, pode conseguir que haja na alma mais bem do que existia antes. Quando uma alma se acha nesse estado de desejo, seu progresso é proporcional à intensidade do desejo, e ao tempo; [...] O servo que será amado é o que se mantém de pé e imóvel perto da porta, em atitude de vigilância e de espera, de atenção e de desejo por abri-la, assim que baterem. [...] Sustentava-me a fé, professada desde os catorze anos de idade, jamais extraviada por nenhum esforço de atenção, ainda que esse esforço não leve nem direta nem indiretamente a nenhum resultado visível (Weil, 1991b, p. 132, 141, 178).

No invólucro que a ideia de atenção ganha no conjunto dos escritos de Simone Weil, é tênue a linha interposta entre conceitos aproximativos, como da diferença a que atribui entre o *desejo* e o *esforço*⁴. “A atenção está ligada ao

⁴ No trecho a seguir, Weil discorre acerca do equívoco de achar que um certo controle muscular e esforçado sobre si mesmo garanta à alma a aproximação com o sumo bem da verdade: “A natureza humana está disposta de tal modo que se um desejo da alma não passou através da carne por meio de ações, movimentos e atitudes que lhe correspondam naturalmente, carece de realidade na alma. O desejo não atuou sobre ela. Nesta disposição se baseia a possibilidade de certo controle de si mesmo por meio da vontade, devido à relação natural entre vontade e os músculos. Mas se o exercício da vontade pode, em uma medida por demais limitada, evitar que a alma caia no mal, não pode por si só aumentar na

desejo. Não à vontade, mas ao desejo” (Weil, 2020, p. 153). Desejo é flama que ilumina o caminho até a verdade, mas deixado em repouso, desprovido de um engenho sustentador, isento de um direcionamento adequado, o desejo, tal qual a resplandecente luminosidade, dissipa um tanto de seu fulgor. Desejar é a condição para receber. Desejar algo com toda a grandeza que há na alma é o gesto fundamental da busca pela verdade, o vivo esforço da atenção prepara o terreno.

“A atenção é um esforço, talvez o maior dos esforços, mas é um esforço negativo”, afirma Weil (2019, p. 76), assinalando que os bens mais preciosos não devem ser buscados, mas aguardados, “pois o homem não pode encontrá-los pelos seus próprios esforços” (Weil 2019, p. 78). Assim, de sua abordagem da faculdade da atenção depreende-se *algo* que não se acha necessariamente quando se procura, mas não se acha sem que se tenha procurado. Um *algo* que está acessível a uma forma característica de espera – não a uma técnica orçada automaticamente ao procurar – e, que, por outro lado, não está apenas ao se esperar, sem que se tenha disciplinado a atenção. Este *algo* só pode se dar em intercessão com o sagrado, com instâncias superiores e também imanentes ao ser.

O fator que concatena humano e sagrado é uma relação com a contradição dada entre suspender e mergulhar, entre o desejar e o esforçar, entre a espera receptiva e a busca ativa. Como destaca Weil (2019), a atenção consiste em suspender o pensamento, em deixá-lo disponível, vazio e penetrável ao objeto, em manter em si mesmo, próximo ao pensamento, mas em um nível inferior e sem contato com ele, os diversos conhecimentos adquiridos que somos forçados a utilizar. Nesse âmbito, manter a afinação da atenção também compreende, portanto, a busca por desgarrar do pensar os vícios e condicionamentos atrelados, como se o conjunto de aquisições da mente não necessariamente precisasse ser repetido, executado e continuado. Para a pura expressão da inteligência, a pura expressão da atenção: “o pensamento deve estar vazio, na expectativa; ele nada deve buscar, mas deve estar pronto para receber na sua verdade nua o objeto que vai penetrá-lo” (Weil, 2019, p. 77). Assim, imbuída da contradição entre ter e não ter, entre *algo* dado e *algo* por chegar, o estado atencional reveste a inteligência

alma a proporção do bem em relação ao mal. Se não se tem suficiente dinheiro disponível na carteira deve-se ir a um banco buscar mais. Não o acharemos em nossa própria casa, já que ali ele não está” (Weil, 1991b, p. 131).

e a inteligência nutre a atenção para a frequência entre o singular e o plural do mundo humano⁵.

O elementar desta nutrição atencional sustenta e é sustentado pela amplificação do desejo, o estopim da vontade elaborada, e composto de um esforço suficientemente intenso para estabilizar o fator desejante, ao mesmo tempo em que dele se reveste e se serve. Mesmo que o seu esforço não tenha produzido qualquer fruto visível, afirma Weil, e até mesmo “fora de qualquer crença religiosa explícita, todas as vezes em que um ser humano cumprir um esforço de atenção com o desejo único de tornar-se mais apto a capturar a verdade, ele adquirirá uma aptidão maior” (Weil, 2019, p. 73). E, ainda, na expressão de Bergson: “o esforço é penoso, mas é também precioso, mais precioso do que a obra que resulta dele, porque graças a ele, tiramos de nós mais do que tínhamos, elevamo-nos acima de nós mesmos” (Bergson, 2009, p. 22).

Desprovida da sustentação do engajamento esforçado e do desejo basilar, a atenção se transforma em focalização procedimental, ou qualquer outra noção suficientemente disponível ao discurso instrumentalizado, mas que tem pouca ou nenhuma correspondência com as perguntas fundamentais do ser no mundo. A desatenção tem ação entorpecente, amortece as instâncias essenciais da vida e compromete os sentidos do ser. Desatento, o homem é facilmente manobrado pelas intempéries da tirania.

Assim, atenção e desatenção são dois *convites* com demandas de empenho, comprometimento, entrega e sentidos inconciliáveis. A atenção dá a esperar e a contemplar; a desatenção, por sua vez, acaba por apressar e condicionar. A atenção é ativa – cria e abrange, alia o sentir ao refletir. A desatenção é passiva – restringe, desempenha e submete-se. A graça da atenção é a presença; a sedução

⁵ Interessante é a forma como Alfredo Bosi, retomando os *Cahiers* weilianos, estrutura a atenção em quatro dimensões: a perseverança, o despojamento, o trabalho e a contradição. A *perseverança* prepara o terreno para a chegada da epifania, necessária à percepção mais aguda e fundamental dos fenômenos. A atenção deve vencer a angústia da pressa, morar e demorar no tempo, para que o olho seja capaz de permanecer junto ao objeto, dele sorver os múltiplos perfis e do processo recuperar a complexidade mesma da percepção. O *despojamento* liberta os olhos das ilusões compensatórias e, no desapego dos caprichos do ego, mune a razão da capacidade de admirar as transformações do Uno Todo. O *trabalho*, por sua vez, é o olhar que age, fruto da relação entre a consciência e a ação eficaz. Olhar atento é em si mesmo operante, ativo, suficiente para que cada trabalhador ou trabalhadora tenha a consciência dos meios e dos fins das atividades com as quais lida. A *contradição* é capaz de legar uma atenção às mudanças das coisas e dos seres, por isso, quem trabalha com as mãos e ao mesmo reflete sobre a sua obra, do primeiro gesto à última demão, aprende que está lutando com forças em tensão, desafiando resistência no trato com a matéria (Bosi, 1988, p. 84;86).

da desatenção é a aderência.

Somente uma atenção ao mundo comum seria capaz de enraizar, conectar, e recuperar a garantia de cada início, com atenção aos ritmos, às temporalidades e ao que determina e encaminha vinculações e vontades. Neste sentido, a proposta weiliana instiga a que sejam tomados os *meios de atenção*: a graça suprime a subserviência às coisas e aos bens capitais; a conexão atencional é suficiente para legar ao ser muito mais que a submissão às benesses econômicas. O estado da consciência veicula uma medida de *poder*; afinal, o mais abastado dos homens pode ser tomado de uma mente sem brio, apequenada, pobre. Opulento nas finanças, mas miserável na condição espiritual da conexão com o mundo; afortunado, mas desvalido da experiência enraizante. O poderio das cifras pode dar a falsa impressão de comando e domínio, mas só uma condição atencional, conectada, aberta, autônoma, é capaz de revelar a grandeza vida.

Importa reacender a ideia de *poder* como via do *possível* em Simone Weil: possibilidade das faculdades mentais, intelectuais, espirituais – *poder* imbricado e nutrido da mais alta atenção. Como sustentáculo desta desconstrução propositiva ou desta proposição re-construtora, o caminho sugerido é uma filosofia da atenção. A atenção à dignidade humana, atenção como fundamental à condição do pensar e, para tanto, a consciência da necessidade de superar o ciclo ilimitado de desequilíbrio da dominação econômica e opressão social.

Considerações finais

Embora operando em formatos tão distintos quanto são as formas hodiernas da expropriação do trabalho, a condição que afeta o elo entre ser e mundo atende a uma mesma estrutura que acentua o automático em lugar do autêntico; o indivíduo e não a coletividade; o domínio do valor agregado em vez da valoração da natureza; o capital como simbologia máxima. Em ampla medida, os meios de produção e comunicação dominantes evidenciam este suporte simbólico, de modo que a face virtual ou real do poder tenha por sustentáculo a financeirização da vida. Nesta perspectiva, a atenção é também um produto; um dividendo a balizar plataformas, em especial, no âmbito virtual.

Refletir sobre a relação entre produção e consumo de objetos e, assim, sobre a temporalidade dada na apropriação das coisas, espelha o exame sobre a destinação de estados atencionais, tomando a vida em análise. É desse modo que será oportuno questionar o que a forma acentuada na temporalidade produtivista lega ao mundo; quais demandas atencionais são solicitadas no presente; e em que medida a temporalidade impressa nos processos automatizados da geração de bens materiais condiciona a vida e ameaça a pluralidade do mundo humano.

A tirania da utilidade compromete o ganho desinteressado da contemplação e a todo lado é possível perceber os ecos do discurso dominante deslegitimando a vinculação entre graça, atenção, amor ao mundo humano. Por entre camadas de comodismo, acaba por vedar a faculdade da inteligência e destinar a conexão ontológica a outros fins. Assim, fruto da sociedade do desempenho, desenraizado, atento aos ditames da meritocracia produtivista, o indivíduo resulta desatento do mundo humano.

Desatenção é incompatível com autonomia. Para atender às instâncias fundamentais do ser, a vida conclama o arrojo da atenção. A natureza dá a olhar: a ordenação intrínseca das contradições toca em pontos de estabilidade e transformação. Mas a desatenção, tal qual uma membrana impermeável, nubla o acesso à graça e à composição da beleza do mundo e, por consequência, ameaça o singular e o plural da presença. É preciso desvelar, furar a membrana: a mudança de um estado atencional ao outro requer forma e expediente específicos. Sem o recurso de um princípio catalisador que viabilize a passagem do estado de desatenção para o estado de atenção, isto é, destituído de um elemento dinamizador para atuar nos sentidos, e *limpar* o olhar, o indivíduo *desatento* tende a permanecer na desatenção.

Uma vez mais: olhar, porta de entrada que compreende muito além do princípio mecânico dado com o olho, na ação de enxergar, e modo de revelar o grau de relação entre ser e mundo. Dessa forma, a ação de olhar é o que torna viável alguma comunhão com a beleza ordenadora da vida, mas a desatenção é a exata condição de desvincular a potencialidade do olhar, logo, não perceber, invalidar ou desconectar beleza, atenção, graça e mundo.

Em especial, para resguardar o mundo humano, a experiência com a face ético-política da atenção é a perspectiva que vale figurar no centro das ideias, vivências e discursos. Como contraponto ao mundo moderno, é ainda mais urgente a proposta de cuidar da atenção. Afinal, se ela é o elemento que viabiliza e sustenta a graça capaz de reafirmar o mundo humano, é também ela a condição fundamental a garantir a composição entre o singular e o plural da vida.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. **A energia espiritual**. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A. (Org.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BOSI, Ecléa. A atenção em Simone Weil. **Psicologia USP**, São Paulo, v.14, n.1, p. 11-20, 2003.
- HERÁCLITO. In: **Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito**. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LISPECTOR, Clarice. **A Paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARIZ, Débora. **O corpo e o trabalho na obra de Simone Weil**. São Paulo: Editora Liber Ars, 2020.
- ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Tradução: Therezinha Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- WEIL, Simone. **Aulas de Filosofia**. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1991a.
- WEIL, Simone. **Pensamentos desordenados acerca do amor a Deus**. Tradução: equipe da ECE. São Paulo: ECE, 1991b.
- WEIL, Simone. **Carta a um religioso**. Tradução: Monica Stahel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016a.
- WEIL, Simone. **Pela supressão dos partidos políticos**. Tradução: Lucas Neves. Belo Horizonte: Áyiné, 2016b.
- WEIL, Simone. **Espera de Deus**. Tradução: Karin Andrea de Guise. Petrópolis: Vozes, 2019.

WEIL, Simone. **O peso e a graça**. Tradução: Leda Cartum. Belo Horizonte, MG: Chão de Feira, 2020.